

ENTREVISTA/Cristovam Buarque

“PT não pode ficar no blablablá”

Cristovam propõe a concessão de cinco milhões de bolsas-escola, o atendimento pelo Programa Saúde em Casa a 100 milhões de brasileiros e a criação de milhares de agroindústrias familiares, partindo da experiência de Brasília com o Prove. Tudo isso, segundo ele, exigirá o equivalente a 10% do Orçamento da União.

Nesta entrevista ao Jornal de Brasília, concedida nos intervalos de visitas a escolas no primeiro dia de aula depois da greve, na quarta-feira, o governador expõe de frente as suas críticas. Afirma que Lula precisa definir logo quem é o seu porta-voz, para evitar que as pessoas falem em nome do candidato, e diz que os sindicatos, que foram a base da criação e organização do PT, hoje não expressam as demandas mais amplas da classe trabalhadora e estão imobilizados na defesa de interesses corporativos. Ele também responde à cobrança do presidente Fernando Henrique, para quem as oposições não têm proposta: “Eu nunca vi, por parte do Governo Federal, com nitidez qual o retrato que ele faz para o Brasil no ano 2020”, reage.

Lula, segundo Cristovam, não deve dar ênfase à discussão da política econômica. Ele deveria colocar claramente para o eleitorado que o seu papel será o de reaglutinar a família brasileira, que “está dividida entre os sem-terra e o latifúndio, os doutores e os sem-educação, os sem-empregos e os com salário”. Não é extinguindo “os que têm” que se corrige as injustiça, propõe o governador.

JOÃO BORGES

Redator Executivo

e MARIA EUGÊNIA

Repórter do Jornal de Brasília

O seu governo vai servir de vitrine para a campanha de Lula à Presidência da República? - Vou entregar ao Lula um documento contendo dez propostas de projetos que estamos realizando em Brasília com sucesso e que podem ser estendidos a todo o País. Mas é uma sugestão, porque eu não vou trabalhar na elaboração de plano de governo de Lula.

Por que não?

- Porque o plano termina virando uma coisa fácil de fracassar, e eu quero medidas e não propostas. Metas definidas. Por exemplo, cinco milhões de bolsas-escola, 105 milhões de pessoas beneficiadas pelo Saúde em Casa.

Quando se analisa o programa do Lula da eleição passada se vê que é um programa de intenções. O sr. está falando em metas, uma coisa mais objetiva. Isso é uma lição de quem está no governo?

- Não. Em 1994, quando fiz parte da equipe de Lula, eu defendia isso. Defendi a Bolsa-Escola e não foi aceito. Isso porque há uma tendência ainda no PT de raciocinar de uma maneira tradicional de conduzir o País, apenas pela esquerda e não também pela direita. Ou seja, pela maneira tradicional, o problema brasileiro é o crescimento econômico, a questão do emprego. Mas o problema fundamental do País é mudar as prioridades. E, mudar as prioridades sem medidas concretas vira blablablá, vira intenção.

Mas é possível cumprir prioridades sem crescimento econômico?

- Não, mas o crescimento vai acontecer independente delas. Não precisa de um grande crescimento. Pior ainda, crescimento tem se dado contra elas.

Como assim?

- O crescimento econômico não gera, necessariamente, soluções para o Brasil. Pode até gerar agravamento. Gera um crescimento econômico com base na substituição do trabalho pelo capital. É o crescimento econômico exigindo altas taxas de investimentos, gerando endividamento.

E qual será o custo para o País, caso Lula, se eleito, adote essas medidas que o sr. vai propor?

- Elas não vão custar mais do que uma percentagem pequena do orçamento. Tudo o que eu vou apresentar não vai ter custo superior a 10% do orçamento fiscal. Só essa economia no gasto gera, por si só, uma economia capaz de ser revertida para o crescimento. Claro que esses 10% terão que ser tirados de outras despesas. Mas tem outra idéia em que estou me baseando para fazer minhas sugestões. É o crescimento - que eu estou chamando de dinâmica - pela base e não uma dinâmica pelo topo. A economia brasileira se baseia numa dinâmica pelo topo. Por exemplo, estimula a montagem de uma indústria automobilística que vai gerar 1.500 empregos diretos, mais uns cinco mil nas indústrias de autopeças, gera emprego nos postos de gasolina e assim vai até chegar no flanelinha. Mas se a gente der bolsa de estudos ao flanelinha, termina chegando no produtor de automóveis.

Demora um pouco mais...

- Sim, não chega igual. Mas cada vez que você gasta dinheiro com a base, estimula o crescimento, através da compra do pão, da comida, que estimula a indústria da alimentação, um caminhão para transportar, automóveis para comprar, chegando até a fábrica de automóveis. Mas eu acho que o PT ainda não entendeu isso. O PT ainda trabalha com uma dinâmica pelo topo, só que querendo pagar melhores salários para os trabalhadores que estão lá em cima.

Ou seja, é a lógica da elite do trabalhador...

- Isso mesmo e essa é a minha crítica, aliás muito antiga dentro do PT. O PT nunca fez um discurso para a família brasileira, para a família inteira. Fez apenas para os trabalhadores. E

tem famílias maiores do que os trabalhadores. Primeiro, porque tem uma massa de excluídos. Segundo, porque mesmo a elite, mesmo os setores do capital, têm que ser considerados parte do projeto nacional, não pode excluí-los.

Qual deve ser, então, o discurso de Lula?

- Eu vou responder, mas deixo claro que não sou porta-voz de Lula e o que eu falar não o compromete em nada. Acho que Lula deveria dizer que o papel dele é reaglutinar a família brasileira que está dividida entre os sem-terra e os com-latifúndio, os sem-educação e os doutores, entre os sem-emprego e os com salários. E isso exige - sem ter uma política contrária aos que têm, no sentido de extingui-los - de forçar uma

sileira que está dividida entre os sem-terra e os com-latifúndio, os sem-educação e os doutores, entre os sem-emprego e os com salários. E isso exige - sem ter uma política contrária aos que têm, no sentido de extingui-los - de forçar uma

igualdade, a garantia de que não haverá, em tantos anos, uma criança sequer fora da escola. Garantir que ninguém vai ficar sem atendimento médico, em tantos anos. Com isso ele traz esperança e confiança.

Quanto tempo seria necessário para colocar a nossa educação entre as melhores?

- Ai vai depender, porque é preciso haver uma revolução na cabeça dos professores. Por exemplo, é impossível fazer esta escola sem haver uma radical informatização do ensino. E hoje, para fazer isso, você tem enormes dificuldades. Não financeiras, porque custa pouquíssimo. Mas você tem três limitações: como sintonizar os professores com o computador, criar um sistema de manutenção dos equipamentos e evitar o roubo dos computadores.

Mas o ensino vive um momento em crise, com professores paralisando as atividades em todo o País por conta de melhoria salariais...

- Na minha avaliação, o problema do professor ultrapassa a questão salarial. A categoria hoje vive uma crise profissional no mundo inteiro que decorre da disponibilidade automática da informação. Ao mesmo tempo em que um professor está dizendo em sala de aula que não existe água na Lua, na Internet a Nasa pode estar divulgando o contrário.

Qual sua proposta para a área econômica?

- Acho que deve-se falar o mínimo sobre economia. Eu radicalizei e recebi muitas críticas, mas se fosse Lula eu diria: olhe, nos primeiros 100 ou 180 dias de governo eu vou tomar todas as medidas necessárias para mudar a situação social do País, só depois, eu vou mexer na economia.

Isso não pode dar a impressão que o PT acha a questão irrelevante?

- Eu não estou dizendo que a questão é irrelevante, só que ela não é o que está em discussão no momento. Nos primeiros 100 dias eu vou cuidar do social e ao mesmo tempo abrir um debate sobre a economia. E começar a formular propostas.

Mas todo mundo quer saber o que Lula vai fazer com a economia se ganhar?

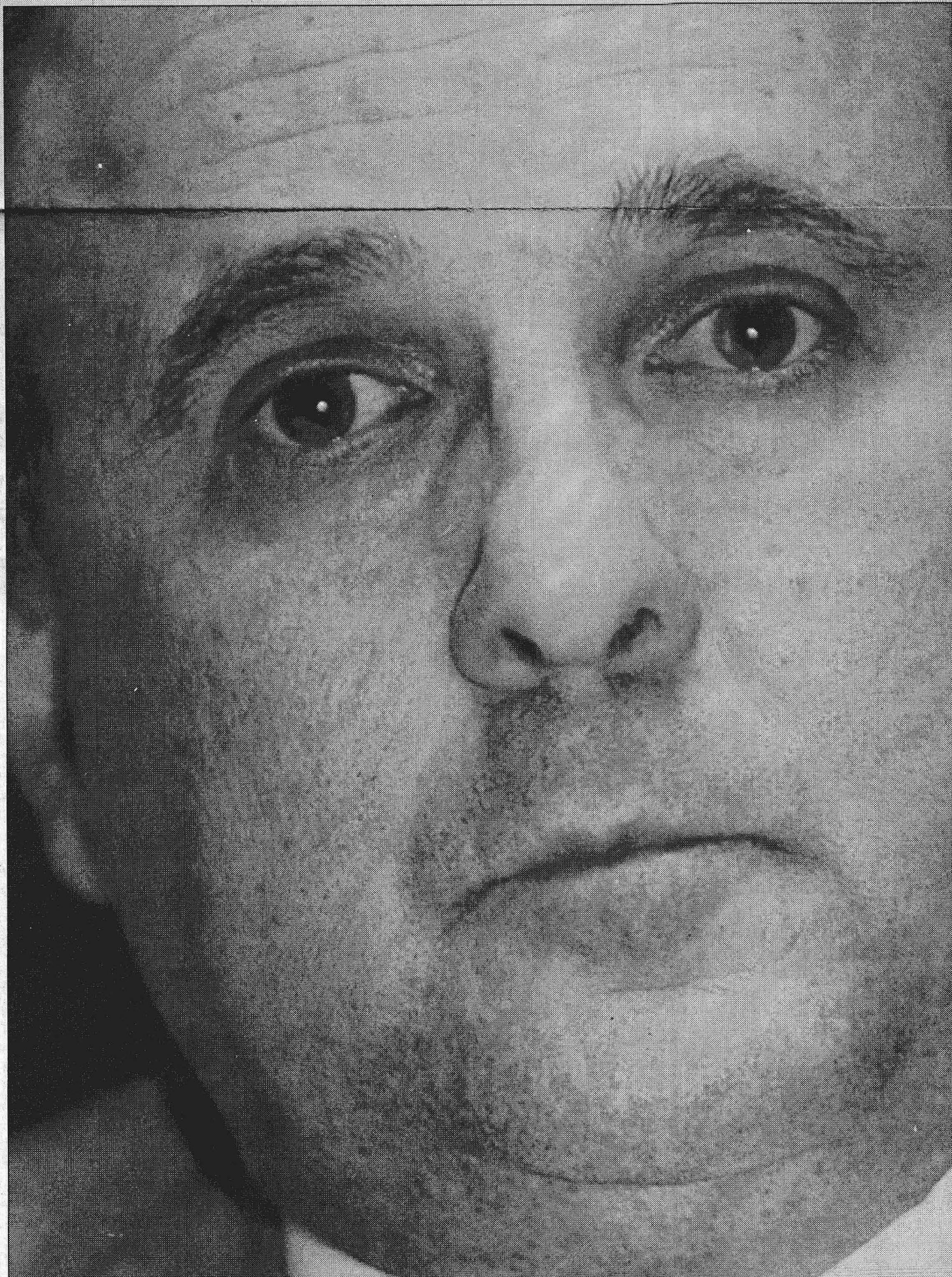
- O que o candidato tem que se preocupar é em propor um país, e não atender pequenas parcelas da população, não é um detalhe ou outro. Esse País tem que ter todos os meninos na escola. A estabilidade monetária é conjuntura. O problema do Brasil hoje não é a taxa de câmbio, mas a taxa de evasão escolar. Quem propõe economia são os economistas, os empresários. O presidente é apenas o árbitro. Presidente é para trazer sonho, esperança e inspirar confiança. Caso contrário, fica demagógico.

O sr. acha que o Brizola atrapalhou ao assumir o debate sobre as privatizações?

- Brizola nunca atrapalha. Até porque eu não penso a curto prazo. Eu penso a longo prazo. E o Brizola é fundamental na chapa do Lula não é nem por causa da eleição de 98, mas sim porque é a primeira vez que a gente põe junto a bandeira do PT, PDT e todos os demais partidos. A grande qualidade dessa chapa é unificar as forças do sonho para 2002, 2006. Vai ser mais fácil continuar a unidade.

Como o sr. vê as declarações do Presidente, de que Lula não tem propostas para o Brasil?

- Eu pergunto qual é a proposta dele para o Brasil. Eu nunca vi, por parte do Governo federal, uma nitidez sobre qual o retrato que ele faz do Brasil no ano 2020. Qual é o espelho do futuro? Não tem claro. eles nunca definiram. Quero ver eles mostrarem quais as medidas que vão adotar nos primeiros cem dias de governo.



Para o governador Cristovam, um dos maiores desafios de Lula será o de reaglutinar a família brasileira

Bizzerra Junior